

Secção 1

Amazônia (i)limitada: Reminiscências, percepções, projeções a partir de textualidades do século XXI

Leitung|Coordenação: Eduardo Jorge de Oliveira, Pauline Bachmann, André Masseno, Dayron Carrillo-Morell

SALA|RAUM: Trabalho inteiramente online

Mittwoch|quarta-feira – 15/09

15:00 – 16:30	Treffen der Sektionsleiter:innen Reunião dos Coordenadores de Secção
18:00 – 20:00	Eröffnungszereemonie Cerimónia de Inauguração Eröffnungsvortrag Prof. Dr. Johannes Kabatek (Zürich) Palestra de Abertura Prof. Dr. Johannes Kabatek (Zurique)

Donnerstag|quinta-feira – 16/09

11:45 – 13:15	Plenarvortrag Literaturwissenschaft Sessão Plenária de Literatura		
13:15 – 14:00	Mittagspause Intervalo para almoço		
14:00 – 14:20	Pauline Bachmann	online	Descentralizando o Antropoceno: animais, plantas e águas na poesia de Astrid Cabral
14:20 – 14:40	Pedro Hussak, Martha D'Angelo	online	“O maravilhoso está em toda parte”: Mito, poesia e etnografia em Benjamin Péret
14:40 – 15:00	Sylvia Maria Trusen	online	Lendas em nheengatu e em português (A. Brandão de Amorim): tradução e Antropofagia
15:00 – 15:40		online	Discussão
15:40 – 16:00	Kaffeepause Intervalo para café		
16:00 – 17:00	Lúcia Sá - <i>Keynote Speaker</i>	online	A floresta amazônica na arte indígena contemporânea
17:00 – 17:40		online	Discussão
19:00	Lesung Sessão de Leitura		

Freitag|sexta-feira – 17/09

13:15 – 14:15	Plenarvortrag Sprachwissenschaft Sessão Plenária de Linguística		
14:15 – 14:00	Pause Intervalo		
14:00 – 14:20	André Masseno	online	Contranarrativas visuais: o humano e a espacialidade florestal na obra de Rodrigo Braga
14:20 – 14:40	Gabriel S. Philipson	online	De conceitos a índices ou <i>Utupë</i> e as imagens técnicas

14:40 – 15:00	Fernanda Vivacqua Boarin	online	Metáfora, corpo e presença nos cantos marubo: um olhar a partir dos estudos de poesia
15:00 – 15:40		online	Discussão
15:40 – 16:00	Kaffeepause Intervalo para café		
16:00 – 16:20	Dayron Carrillo-Morell	online	De Belém a Brasília e vice-versa: vidas (não)liminares ao lado do modernismo brasileiro
16:20 – 16:40	Albert von Brunn	online	O homem-árvore desfolhado. Destruição do meio ambiente na obra de Milton Hatoum
16:40 – 17:00	Fabíola Mourthé	online	Vórtice amazônico em “Cobra Norato”
17:00 – 17:40			Discussão

Samstag | sábado – 18/09

14:00 – 14:20	Eduardo Jorge de Oliveira	online	Literatura pós-etnográfica: alianças e restituições poético-narrativas.
14:20 – 14:40	Renata Bellicanta Pinheiro Sammer	online	Eshell e a floresta de cristal
14:40 – 15:00	Mayara Ribeiro Guimarães	online	“Adiar o fim do mundo é sempre poder contar mais uma história”: narrativas ianomâmis que sustentam o céu
15:00 – 15:40		online	Discussão
15:40 – 16:00	Kaffeepause Intervalo para café		
16:00 – 17:00	<i>Keynote Speaker</i> – Álvaro Faleiros	online	Do bem-viver de Ailton Krenak ao <i>porã-poranga</i> de “Meu tio lauretê”: cosmopoéticas em tradução
17:00 – 17:40		online	Discussão

Abstracts | Resumos – Sektion | Secção 1

Pauline BACHMANN (Universidade Pompeu Fabra, Barcelona)

Decentralizando o Antropoceno: animais, plantas e água na poesia da Astrid Cabral

“Descriptions of nature are virtually nonexistent in native Amazonian literature. What we call nature is, in native Amazonian stories, inseparable from history: a permanent state of transformation” (Sá, *Intimate Frontiers: A literary Geography of the Amazon*, 2019, p. 128). A partir de Lúcia Sá, a compreensão da natureza como processo de transformação revela-se em termos de uma concepção do meio ambiente que parte de uma diversificação da subjetividade tal como descrita no *Perspectivismo Ameríndio* (1996, 1998) de Eduardo Viveiros de Castro. Essa comunicação trata de textos literários que questionam o domínio humano sobre a natureza e enfoca as relações entre plantas, animais e natureza supostamente inanimada e humanos na Amazônia. Os livros de poemas de Astrid Cabral serão analisados a fim de revelar perspectivas poéticas sobre a relação humano-não-humana e conectadas com conceitos filosóficos que oferecem um marco teórico a esse tipo de relações, como por exemplo *A Philosophy of vegetal life* (2013) de Michael Marder e *Zoopoetics* (2018, Driscoll).

Fernanda Vivacqua BOARIN (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Metáfora, corpo e presença nos cantos marubo: um olhar a partir dos estudos de poesia

Os cantos mitológicos dos Marubo radicados no Vale do Javiri, no estado do Amazonas (Brasil), traduzidos e organizados pelo antropólogo Pedro Cesarino, em “Quando a Terra deixou de falar” (2013b), explicitam a distinção ontológica entre a cosmovisão desta cultura ameríndia xamânica e a ocidental, o que se desdobra em descontinuidades em torno das noções de sujeito, natureza e cultura, dentre outras, mas também de artes verbais e de palavra poética (cf. Callicot, 2007; Viveiros de Castro, 2007; 2013). Tendo isto em vista, pretendo olhar detidamente para as figuras de linguagem nos cantos marubo e, mais especificamente, para as metáforas, dado que elas, nesta poética, relacionam-se com duas dimensões importantes para a formação desta sociedade: a cosmografia e o sistema de parentesco (cf. Cesarino, 2006; 2008a; 2008b; 2013a; 2013b). Disto, em consonância com as considerações de Faleiros (2019) acerca da relação entre a prática de tradução e o xamanismo, floresce uma discussão sobre as possibilidades teóricas que o trabalho tradutório de Cesarino traz para os estudos de poesia na contemporaneidade. Ainda, e por fim, acredito que a concepção marubo de metáfora convida a crítica a aproximar-se dos estudos de performance e de produção de presença (cf. Gumbrecht, 2010; 2016; Taylor, 2013; Zumthor, 2014), recolocando o corpo e a experiência no centro das reflexões sobre poesia e artes verbais – questão sobre a qual este trabalho se debruça.

Albert von BRUNN (Biblioteca Central de Zurique)

O homem-árvore desfolhado: destruição do meio ambiente na obra de Milton Hatoum

Este ensaio faz parte um estudo mais amplo sobre a obra de Milton Hatoum enfocando os mitos e símbolos da floresta virgem destruída ao longo do século XX. O homem-árvore, alegoria da Amazônia, uma espécie de fauno e atração turística, vira leitmotiv que se contrapõe ao demônio Motocu, o diabo da Amazônia.

Dayron CARRILLO-MORELL (Universidade de Zurique)

De Belém a Brasília e vice-versa: vidas (não)liminares ao lado do modernismo brasileiro

Enquanto o “Manifesto Antropófago” (Oswald de Andrade, 1928) utiliza o ritual do canibalismo amazônico como um tropo da fragmentação em direção à produtividade estética da emancipação cultural, o arquiritual da canibalização modernista que completa Oscar Niemeyer em Brasília (1960) reafirmou a Amazônia como uma fronteira natural da pré-desordem arquitetônica; ou seja, um lugar de sertão à beira da civilização moderna (Cunha, *À Margem da História*, 1909). No entanto, ao levar o funcionalismo espacial e a monumentalidade urbana aos limites, a nova capital do Brasil tornou-se uma experiência limítrofe de criação de lugar (Gorelik, “Sobre a impossibilidade de (pensar) Brasília”, 2013);

um espaço que completa um território ambíguo de liminaridades e vidas vernáculas na narrativa do modernismo brasileiro. Partindo das noções de complementaridade no conceito da heterotopia (Michel Foucault, *Of Other Spaces*, 1967), esta apresentação visa explorar a abordagem crítica de identidades (não) fronteiriças no documentário de Tadeu Jungle, *Amazônia Niemeyer: Uma viagem pela estrada Belém-Brasília* (2007), visto como uma “viagem de (re)descoberta” pós-moderna que retrata a vida social e individual às margens desta importante artéria, questionando a alteridade transitória entre uma cidade de concreto e sua equivalente selvática.

Keynote Speaker – Álvaro FALEIROS (Universidade de São Paulo)

Do bem-viver de Ailton Krenak ao *porã-poranga* de “Meu tio Iauaretê”: cosmopoéticas em tradução

Em junho de 2020, Ailton Krenak foi convidado pelo Projeto Educar para a Sustentabilidade da Escola para falar sobre o Bem Viver (*Buen Vivir* em espanhol ou *Sumak Kawsay* em quechua). Os principais aspectos abordados durante a *live* deram origem ao ebook *Caminhos para a cultura do Bem Viver*, disponibilizado gratuitamente pelo autor. Em sua tradução cultural do princípio do Bem Viver, Krenak mobiliza cosmovisão que, como procuramos observar, permite leitura outra, por equivocação controlada (Viveiros de Castro), dos termos do tupi-guarani *Porã* e *Poranga*; que repercutem na expressão cotidiana guarani *-iko porã*, e que se fazem centrais na construção do imaginário do ex-onceiro no conto “Meu tio Iauaretê”, de Guimarães Rosa.

Mayara Ribeiro GUIMARÃES (Universidade Federal do Pará/Universidade de Zurique)

“Adiar o fim do mundo é sempre poder contar mais uma história”: narrativas ianomâmis que sustentam o céu

Em seus livros, Ailton Krenak questiona como a ideia de humanidade construída pelo Ocidente ergueu-se sob a justificativa da violência, que acompanhou o surgimento da ontologia ocidental e da noção de verdade a ela associada. Esse fundamento fez o homem perder a noção do viver em sociedade e da própria experiência da vida, associando o mundo humano ao imperativo do sujeito e suas relações de poder. Como sair do regime antropocêntrico do ser? O sentido de humanidade no pensamento dos povos originários põe em cena uma ontologia ameríndia cujo fundamento implica uma forma de relação entre humano e extra-humano (animais, natureza, cosmos) que amplia o horizonte da humanidade. O humano, para o indígena, passa pelo outro, cola-se à ideia de sujeito subjetivado e à perspectiva de que o vivo não é só gente, mas pedra, estrela, animal, chuva, os espíritos invisíveis. A experiência de alteridade ganha estatuto central, e a essência do homem é afetada por esse intercâmbio, promovendo uma alteração ontológica. Reconhecer o extra-humano como alteridade implica uma metamorfose, retira o homem do seu lugar soberano. Esse descentramento radical recusa a fundamentalidade humana perante outras fontes de pensamento e existência e se funda no conceito antropofágico do ser: na polaridade entre o que come e o que é comido, os lugares do sujeito estão sempre se alterando e o ser se torna o encontro entre múltiplas pessoas. Esta comunicação propõe pensar tais questões a partir de narrativas ianomâmis encontradas em *Os comedores de terra* e *O surgimento dos pássaros*.

Pedro HUSSAK (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro), Martha D’Angelo (Universidade Federal Fluminense)

“O maravilhoso está em toda parte”: Mito, poesia e etnografia em Benjamin Péret

Esta comunicação insere-se na pesquisa *Benjamin Péret: tensionamentos entre estética, antropologia e política* (CAPES-COFECUB), que está investigando o conceito de *etnopoética* que embora não seja um termo usado pelo poeta surrealista, expressa bem seu projeto de uma etnografia que busca não uma descrição científica de seu objeto de estudo, mas o elemento poético ali presente. Já em sua primeira estadia no Brasil entre 1929 e 1931, Péret estabelece essa relação, em particular em sua série de 13 artigos sobre seu contato com a religiosidade afro-brasileira. No entanto, é no prefácio à sua *Antologia dos mitos, lendas e contos populares da América* – texto escrito no México em 1942, publicado por Bréton em 1943 em Nova Iorque com o título *La parole est à Péret* e finalizado em São Paulo em 1955 – que ele vai desenvolver mais detidamente uma noção poética do mito. No seu retorno ao Brasil, Péret faz duas viagens para pesquisar a arte popular do país: a primeira entre outubro e novembro de 1955,

partindo de Manaus, passando por Belém, São Luís, Parazinho no interior do Ceará, Fortaleza, Recife, João Pessoa, Maceió e Salvador; e a segunda ao Centro-Oeste entre janeiro e março de 1956, na qual faz uma visita os Xavantes, Carajás e povos indígenas do alto Xingu. Assim, esta comunicação procurará sustentar que há uma conexão entre a concepção mitopoética da *Antologia* e suas incursões etnográficas na sua segunda passagem pelo Brasil.

André MASSENO (Universidade de Zurique)

Contranarrativas visuais: o humano e a espacialidade florestal na obra de Rodrigo Braga

Nascido em Manaus, o artista visual Rodrigo Braga possui uma vasta produção que, por sua vez, engendra um repertório crítico às narrativas visuais de poder e exploração da espacialidade florestal. Sua obra questiona a visualidade histórica forjada pelos aparatos oficiais, que visam difundir uma representação sistemática da floresta e de seus viventes como território e modos de vida destinados a um processo de exploração ininterrupta. As vídeo-performances de Braga, por exemplo, são experiências ímpares de reencontro do ser humano com uma natureza florestal pós-idílica – um reencontro, portanto, repleto de tensões e ambivalências. Nesta comunicação pretendo analisar a videoperformance *Mentira repetida* (2011), a fim de argumentar como Braga produz uma contranarrativa visual que ressignifica as relações entre o humano e o não humano, pondo em xeque a ideia de paisagem, assim como a pretensa imagem de humanidade consolidada pelo Antropoceno.

Fabiola Guimarães Pedras MOURTHÉ (Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais)

Vórtice amazônico em “Cobra Norato”

Raul Bopp leva seus leitores a movimentarem-se, mobilizando-os, colocando-os em processo de mudança. É o que ocorre no poema, “Cobra Norato”, potência que arrasta, provoca e tem a possibilidade de desalojar. Pretende-se, a partir do referido texto, discutir a composição imagética da amazônia como um espaço real e habitado, considerando a “condição de todos os humanos possíveis, formas portanto fundadas em outras ideias de “humanidade”” (Krenak, 2020, p. 80) como defende o ativista ambientalista, líder indígena, Ailton Krenak, doravante o conceito de “humano”, defendido por ele, e a definição do “perspectivismo ameríndio”, do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, para esse, a forma como os seres humanos veem os animais e outras subjetividades que povoam o universo, é intensamente diferente do modo como esses seres veem os humanos e se veem a si mesmos. É interessante ressaltar que, para os ameríndios, “o referencial comum a todos os seres da natureza não é o homem enquanto espécie, mas a humanidade enquanto condição.” (Castro, 2006, p. 356).

Eduardo Jorge de OLIVEIRA (Universidade de Zurique)

Literatura pós-etnográfica: alianças e restituições poético-narrativas

O espaço literário no século XXI orbita numa zona de articulações e de conflitos entre representação e restituição aos povos originários. Na primeira década do século XXI, surgem livros – peles de papel (Kopenawa) – que passaram a ser espaços semelhantes aos dos museus a partir do que James Clifford, em *Returns: Becoming Indigenous in the Twenty-first Century* (2013), chamou de “zonas de contato” do mundo ocidental. *La chute du ciel*, de Bruce Albert e Davi Kopenawa (2010), e *Ideias para adiar o fim do mundo*, de Ailton Krenak (2019) são dois exemplos de alianças e restituições poético-narrativas. Mas são apenas começos, pois há muito o que ser feito. Diante da emergência da restituição – não apenas de *objetos* – mas de *gestos* e de *emoções coletivas* que não se fossilizaram através da empresa colonial ao longo de mais de cinco séculos, resta se perguntar se não estaríamos vivendo um momento que poderia ser chamado pós-etnográfico e que, entre *queda* e *adiamento*, estaria encerrando o trajeto epistemológico da antropologia modernista e suas relações com o fato literário, como se pode pensar com Eduardo Viveiros de Castro.

Gabriel S. PHILIPSON (Universidade Estadual de Campinas)

De conceitos a índices ou *Utupë* e as imagens técnicas

Esta comunicação radica-se em refletir sobre as consequências de uma aproximação entre o “conceito de conceito” *utupë* de Kopenawa e a midialogia flusseriana. *Utupë* surge como um conceito-físico que põe uma relação específica entre pensamento, conceito e corpo: uma alma corpórea ou um pensamento que é corpo. Não estabelece, assim, uma relação representacional entre o conceito e o objeto, mas se constitui como o índice de quando o "suposto objeto" se impõe como um outro sujeito (Valentim 2018), de quando o corpo ou a imagem se impõe como pensamento. "Tudo é conceito" quer dizer que tudo é passível de ser ativo ou "personagem conceitual", de entrar no jogo de ser visto para ver. Trata-se de um jogo perspectivístico entre espíritos e espectros. Espíritos ou *xapiri* é o que os espectros (não) veem (seus outros); já espectros é o que os espíritos veem (seus outros). Um dos limites de *utupë* se encontra na pergunta pelo ponto de vista do chocalho (um “acelerador de partículas”, Sztutman, 2008), ou seja, do meio pelo qual o máximo de agência ao objeto pode ser atribuído. Como ocorre a agência desse meio que se põe contra a transcendência do sujeito sobre o objeto? A hipótese dessa comunicação é que o chocalho também se constitui uma pessoa conceitual. Isso levará a compreender o conceito como um caso particular do índice, e, conseqüentemente, o pensamento conceitual como um caso particular de pensamento selvagem, do mesmo modo que a geometria euclidiana é um caso particular da geometria não-euclidiana.

Keynote Speaker – Lúcia SÁ (Universidade de Manchester)

A floresta amazônica na arte indígena contemporânea

Um fenômeno recente nas artes visuais brasileiras é o movimento que se auto-identifica como arte indígena contemporânea - um grupo de artistas indígenas que se utilizam de gêneros e mídia ocidentais, assinam os seus trabalhos individualmente e procuram ocupar espaços de prestígio na arte brasileira, ao mesmo tempo em que continuam a fazer parte de coletividades indígenas. As obras dos três artistas amazônicos que irei analisar – Denilson Baniwa, Jaider Esbell e Daiara Tukano – tratam, na sua totalidade, de temáticas indígenas, sejam elas as narrativas tradicionais de seus povos ou discussões sobre colonialidade, violência, e sobre o que é ser indígena na contemporaneidade. Ecoando a visão de intelectuais indígenas como Ailton Krenak e Davi Kopenawa, a obra desses artistas também aponta para novas formas de convívio entre humanos e não humanos no contexto da floresta Amazônica.

Renata Bellicanta SOMMER (pesquisadora independente)

Esbell e a floresta de cristal

Jaider Esbell (1979-) é artista visual, originário do povo Makuxi, que habita a região hoje parte do Estado da Roraima, Brasil. Em 2016, Esbell vence o prêmio PIPA de arte contemporânea brasileira. Segundo o website do prêmio, seu trabalho “enviesa [...] o caos das expressões humanas e não humanas”, assim exercendo certo “xamanismo visual”. Tendo em vista os contrastes entre sociedades “animistas” e sociedades “naturalistas” (nos temos de Descola), proponho lançar luz sobre a ontologia dos espíritos amazônica a partir do trabalho de Esbell. Para tanto, recorro ao ensaio de Viveiros de Castro, “A floresta de cristal” (2006), e ao livro/fala de Albert/Kopenawa (2015) a fim de destacar nos registros visuais de Esbell pontos cintilantes e coloridos que promovem a comutação das diferentes formas de agência que povoam o cosmos. Ao modo dos *xapiripe* – “poeiras luminosas”, na expressão de Kopenawa – as marcas de Esbell aproximam os seres, embaralhando o conhecimento do um, assim propondo uma coexistência mais radical. Marcações cuja luminosidade é enfatizada por um fundo escuro delimitam simultaneamente sapos, cobras e pássaros convidando o olhar a perceber outras formas e perspectivas. Evocando a ontologia da luz, infinitesimal, intensiva e disjuntiva dos espíritos amazônicos, os traços de Esbell assinalam articulações nas quais o ser é partilhado e explicitam a permanente metamorfose. Por fim, proponho pensar através da ênfase dedicada à luminosidade da ontologia amazônica percebida no trabalho de Esbell os modos como a “luz” amazônica, intensa e difusa, distingue-se da “luz” reveladora, característica da ontologia fundamental.

Sylvia Maria TRUSEN (Universidade Federal do Pará)

Lendas em nheengatu e em português (A. Brandão de Amorim): tradução e Antropofagia

“Uma ocasião, em busca de leituras sobre o Amazonas, veio-me às mãos um trabalho de Antônio de Brandão de Amorim (n. 1865), com nheengatus colhidos nas malocas do Urariquera” (Bopp, 1972). A passagem extraída das memórias de Raul Bopp refere-se à recolha no *Lendas em nheengatu e em português* (1987), publicada postumamente em 1928. Com o trecho, destacamos a importância desta obra realizada por Antônio Brandão de Amorim, amazonense nascido em 1865 que, tendo feito seus estudos de medicina em Portugal, retornou, após o falecimento do pai, e passou a trabalhar com João Barbosa Rodrigues, então diretor do Museu Botânico de Amazonas. Ali, Amorim travou conhecimento com Maximiano José Roberto e com o Conde Ermano di Stradelli estudiosos da flora, fauna e línguas do país do início do século XX, passando, desde então, a explorar as águas e terras em volta do Rio Negro. Destas viagens, resulta a obra que viria a impactar fortemente o grupo reunido em torno do projeto estético divulgado no Manifesto Antropófago (1928), capitaneado por Oswald de Andrade. Este trabalho visa, portanto, estudo da obra de Brandão de Amorim, examinada a partir de duas chaves de leitura: a noção de tradução xamânica, retirada de Faleiros (2019) e a da antropofagia, presente nos estudos tradutórios desde Haroldo de Campos (2006). Por outro, pretende-se destacar a repercussão da obra no projeto modernista, especialmente no realizado por Raul Bopp.